**BATER ASAS COM O FORMAR: ATIVIDADE EM BUSCA DE PERSPECTIVAS FORMATIVAS**

Sandra Maria de Sousa – SEMEC

Selma Pereira da Costa – SEMEC

Wirla Risany Lima Carvalho – UFPI

Águia pequena que nasceu para as alturas com ânsia de voar. E eu percebi que as minhas penas já cresceram. E que eu preciso abrir as asas e tentar. Se eu não tentar não saberei como se voa. Não foi a toa que eu nasci para voar.

(Padre Zezinho)

**Asas para voar?**

### Inicialmente, aportamos no significado do que sejam asas. Invocando suas várias interpretações, destacadas no dicionário Aurélio, enfatizamos que estas tomam a forma de um apêndice membranoso de vários insetos ou o órgão principal do vôo para pássaros e estão relacionados às aves com os atributos de ligeireza, velocidade, rapidez, entre outros aspectos que podem ser apresentados relacionados aos voos superficiais, como no avião por exemplo.

### Gostaríamos de destacar nesse artigo, especialmente, o seu caráter de ação, de liberdade, de movimento, de atividade e é neste sentido que iremos conduzir a nossa exposição, no momento em que escolhemos como objetivo desse excerto, apresentar de que forma a participação no grupo Formar tem contribuído para o desenvolvimento do conhecimento de seus participantes, como atividade, num movimento de mediação para a aprendizagem de conceitos, elevando-os de um senso comum a um conhecimento científico.

### Nesse sentido, o que significa essa abertura com ‘Asas para voar?’, pois não parece tão claro que asas sejam para voar? Nem sempre, podemos afirmar filosoficamente. Há que se destacar que muitas vezes o voo é apenas aparente e, sendo assim, a pessoa não atinge seu desenvolvimento pleno. Abordaremos, portanto, as asas que são preparadas para voar sobre paragens da pesquisa acadêmica educacional.

**Atividade e consciência: um caminho formativo**

### Encetamos este tópico destacando a categoria atividade em Leontiev (1972) para iniciar uma discussão sobre o caminho formativo da pesquisa colaborativa e a perspectiva de crescimento nos estudos do grupo Formar na Universidade Federal do Piauí.

### O autor apresenta duas abordagens do que seja atividade e sua relação com a consciência humana. A primeira, em uma perspectiva do padrão “estímulo-resposta” ou “objeto-sujeito”, advindo do “axioma da imediaticidade”, o sujeito é totalmente passivo e influenciado pelas coisas e objetos, tendo sua atividade totalmente ignorada. No entanto, os primeiros psicólogos observaram que esta perspectiva não abrangia todos os processos mentais e a atuação do sujeito, pois sua natureza era muito ativa e não podia ser desprezada, pois havia intenção ou vontade interior, apercepção ativa, entre outras particularidades. (LEONTIEV, 1972)

### Leontiev (1972, p.1) aborda que

### [...] os efeitos das influências externas são determinados não imediatamente pelas próprias influências, mas dependem de suas refrações pelo sujeito. Em outras palavras, atenção é concentrada no fato que causas externas agem através do meio de condições internas.[...]

### No entanto, o autor supramencionado aponta que este ponto de vista pode ser interpretado de várias formas, pois a compreensão sobre condições internas se modifica. Por exemplo, pode significar uma troca de estados internos do sujeito ou “[...] as características especiais dos processos que estão ativos no sujeito.”. (LEONTIEV, 1972, p. 2).

### Este mesmo autor exemplifica algumas formas de estados internos quando apresenta que “[...] Qualquer objeto pode mudar seus estados e assim se manifestar de diferentes maneiras em sua interação com outros objetos. [...]”, a saber: pegadas em chão macio e duro, a reação de um animal faminto e saciado na presença de um alimento, a reação de uma pessoa alfabetizada e não à leitura de uma carta, entre outros exemplos, que deixam claro a importância de uma questão principal, enfatizada por ele, “[...] é o que estes processos são que mediam as influências do mundo objetivo refletido no cérebro humano.” (LEONTIEV, 1972, p.2).

### Centrada na importância do reconhecimento dos processos como “[...] aqueles que realizam uma vida verdadeira da pessoa no mundo objetivo pela qual ela está cercada, seu ser social em toda a sua riqueza e variedade de suas formas.”, é que se apoia o conceito de atividade como estes processos. No entanto, atividade não é a dinâmica dos processos fisiológicos e nervosos que estão presentes nessa atividade, mas a dinâmica e estrutura da atividade do sujeito e como a linguagem a descreve; não se limita à dinâmica e estrutura dos processos mentais do sujeito e da linguagem deste, está para além de tudo isso. (LEONTIEV, 1972, p.2).

### Nesse sentido, em sua discussão, Leontiev (1972) aborda que a consciência é determinada por duas alternativas: uma que está diretamente relacionada por coisas e fenômenos (em um padrão “objeto-sujeito”) ou, na outra, onde há uma relação tríade entre “sujeito-atividade-objeto” com mediação destacada pela atividade (com seus meios e modos de aparecimento).

### Nesse contexto, invocando Marx e Engels (2007), a consciência é determinada pelo ser, ou seja, um processo de atividades sucessivas, um sistema onde há uma soma total dessas atividades, a sua verdadeira vida. E, estas últimas, seriam um processo de inter-tráfico entre objeto e sujeito. A consciência é determinada a partir do movimento intrínseco à composição “sujeito-atividade-objeto”. Ademais, devemos ter clareza que a atividade é uma reflexão mental que funciona como orientação do sujeito no mundo objetivo e não advém da vida material, nem da corporeidade, nem do sujeito material, não podendo ser unidade aditiva material. (LEONTIEV, 1972).

### Em relação à atividade humana, ao contrário do que pensa o positivismo que quer pôr o homem em uma função apenas de sobrevivência e para tal sua atividade seria apenas de adaptação ao seu ambiente natural, Leontiev (1972, p.3) destaca que esta

### [...] é um sistema que obedece o sistema de relações da sociedade. Fora destas relações, a atividade humana não existe. *Como ela existe* é determinada pelas formas e meios da comunicação material e espiritual que são geradas pelo desenvolvimento da produção e não podem ser realizadas exceto na atividade de indivíduos específicos. É lógico que a atividade de todo indivíduo depende de seu lugar na sociedade, em suas condições de vida. (grifo do autor)

### Diante do exposto, podemos afirmar dos estudos de Leontiev (1972, p.3) que a sociedade produz, além das condições externas que movem um sucesso ou um fracasso de adaptação, também as condições sociais intrínsecas “[...] em si mesmas os motivos e objetivos de sua atividade, as maneiras e meios de sua realização; em uma palavra, a sociedade *produz* a atividade humana.” (grifo do autor).

### Para finalizar nosso entendimento sobre atividade e sua relação com o *bater asas*, precisamos falar da característica básica da atividade que, conforme Leontiev (1972, p.3), é a existência de um *objeto*, pois seu próprio conceito enseja “[...] o conceito de objeto da atividade. [...]” Este pode não ser descoberto, olhando para a atividade em si, mas realizando uma investigação científica sobre esta atividade. Em outras palavras, pode não estar posto, mas implícito e só se conhece ao ser investigado. E, este *objeto* é o que controla o processo da atividade, *primariamente*. Sendo, *secundariamente*, apresentada “[...] sua imagem como o produto subjetivo da atividade, que registra, estabiliza e carrega em si o conteúdo objetivo da atividade.”

### Em suma, de acordo com Leontiev (1972, p. 22)

[...] a consciência do homem, como sua atividade, não é aditiva. Não é uma superfície plana, nem mesmo uma capacidade que pode ser preenchida com imagens e processos. Também não são as conexões de seus elementos separados. É o movimento interno de seus “elementos formativos” orientados a um movimento geral da atividade que afeta a vida real do indivíduo na sociedade. A atividade do homem é a substância de sua consciência.

### Apresentamos essa discussão sobre atividade e consciência para destacar que é nesse sentido supracitado, que a atividade de pesquisa no grupo Formar adquire e promove consciência aos seus partícipes, principalmente quando advoga a favor da pesquisa colaborativa como modelo metodológico.

### Porquanto, é nesta atividade de pesquisa dentro do grupo Formar e, a partir de suas orientações no Método do Materialismo Histórico Dialético e da metodologia de Pesquisa Colaborativa, que podemos considerar que há uma consciência sendo trabalhada para que os sujeitos que participam de seus estudos tenham conhecimento suficiente para fazer um movimento de saída do senso comum para o conhecimento científico, desenvolvendo um olhar crítico e reflexivo, sempre na perspectiva de colaboração.

**Entre asas: colaborar para formar**

### Algumas pessoas precisam ser desafiadas para realização de algo, para um crescimento, uma construção, para através de um movimento conseguir enxergar a sua necessidade de voo. Como exemplo de incentivo vindo da natureza, podemos destacar uma águia que lança seus filhos ninho abaixo para que eles descubram suas asas e comecem a alçar voos.

### Nesse mesmo sentido, temos o grupo Formar e as atividades realizadas neste, como uma águia que nos impulsiona a compreender que temos asas e que devemos pô-las em ação de forma crítica, reflexiva e, acima de tudo, colaborativa. No entanto, diferentemente da águia que fica a olhar o desempenho individual do filhote, o grupo aqui mencionado participa junto desse voo, com características próprias de “condução colaborativa” entre partícipes mais e menos experientes.

### Indubitavelmente, tanto a liberdade de voar, quanto o voo, em cada um é muito peculiar. Algumas pessoas precisam de desafios e conduções colaborativas maiores, outros menos, para acreditarem que são capazes e que podem, através de um conhecimento científico e de uma atividade mais elaborada, construírem caminhos formativos mais solidificados.

### Destacamos neste artigo, nossa busca, nosso enfrentamento na perspectiva de várias decolagens, tendo como horizonte vencer os desafios e estes, por sua vez, serem transformados em caminhos formativos profissionais e pessoais.

### Portanto, enfatizamos que há um desenvolvimento intelectual muito importante nas atividades entre os partícipes do Formar, quando da utilização do método dialético, do estudo das leis e dos princípios do Materialismo Histórico Dialético (MHD), destacados aqui como a materialidade ou objetividade da matéria, a mobilidade e a historicidade, como pontos importantes para desenvolvimento de conhecimentos científicos e pesquisas em nosso percurso de formação profissional. (LESSA, 2011).

### Ferreira (2017, p. 61) afirma que

### [...] o Materialismo Histórico Dialético se orienta pelos princípios da *materialidade* ou *objetividade da matéria* (*a priori* de sua existência expressa na dimensionalidade, durabilidade, extensão e sucessão dos fenômenos no espaço-tempo); *mobilidade* (unidade e variabilidade das formas de matéria no espaço-tempo); *historicidade* (surgimento, caducidade e emergência de novas formas de matéria no espaço-tempo). Esses princípios mantêm unidade dialética entre eles, comprovada por meio de suas leis [...]

### Nesse sentido, compreender a nossa interação dialógica, a partir dos seus princípios e leis, relacionando com os fenômenos educacionais que vivenciamos em nosso cotidiano, tanto profissional, quanto pessoal, fomenta em todos nós o desejo de ir além, como uma necessidade maior e crescente de conhecimento.

### Burlatski (1987, p. 103) destaca que a necessidade compreende “[...] uma ligação que surge inevitavelmente desde que existam, para tal, as respectivas condições.”, porquanto carrega em si a possibilidade, assim como destaca Afanasiev (1968, p.173) quando apresenta que toda necessidade nova “[...] não aparece sob nova forma e já acabada; no princípio, só existe a possibilidade, e só se transforma em realidade se as condições lhe forem favoráveis.”.

### Como Afanasiev (1968, p.172) enfatiza que “Estas premissas do nascimento do novo, implícitas no que existe, receberam o nome de possibilidade.” e que a realidade “[...] é a possibilidade levada a efeito [...]” (Ibid, p.174), inferimos que as atividades no Formar acabam por despertar uma necessidade maior de colaboratividade, desenvolvimento de conhecimentos, saberes, diálogos, discussões e reflexões. Nesse ínterim, sendo visível em seus colaboradores a vontade de alçar voos longínquos nas trilhas formativas, como campo profícuo de possibilidades.

### A colaboração da fala e do pensar de cada partícipe do Formar conduz-nos como mediação à saída do senso comum ou empírico, para uma travessia rumo ao conhecimento científico, a qual é desafiadora, intensa e complexa, tornando-se dinâmica e produzindo sentido, guiando-nos a constantes decolagens, num ir e vir, entre altos e baixos, num movimento de ação criadora, de puro trabalho intelectual, sob mediação de partícipes mais experientes em busca de tornar-se um sujeito pesquisador.

### Ter uma formação com apenas “uma asa” – que seria a asa do conhecimento de senso comum ou empírico – é uma condição insatisfatória para a formação docente e de pesquisador, porquanto necessita de subsídios da reflexão crítica para uma práxis significativa e é nesta auto-reflexão que o Formar nos conduz para irmos além deste conhecimento empírico. Nossa intencionalidade é bater asas com os dois tipos de conhecimento, o empírico e o científico, destacamos, para tanto, a palavra *colaboração* como importante em todo esse contexto.

### Outrossim, Ferreira (2014, p.361) defende que “[...] é esse exercício de colaboração crítico reflexiva que autoriza superar os conhecimentos consolidados e elaborar novos conhecimentos coletivos pautados em relações que incluam interesses pessoais e sociais comuns no sentido de mudanças.”

Nesse ínterim, alguns autores destacam que a colaboração é composta de ações sociais que promovem desenvolvimento e transformações de necessidades dos contextos dos partícipes no processo. A colaboração, realizada através de uma prática crítica e fecunda, requer conhecimento da realidade, da necessidade a ser satisfeita e de empoderamento de todos os seus participantes. (ALBUQUERQUE; IBIAPINA, 2016; IBIAPINA, 2008).

Por isso, apresentamos nessa sequência a compreensão de algumas pessoas que colaboram como partícipes nas pesquisas do Formar e que, a partir de uma primeira experiência, atualmente, são integrantes do grupo vivenciando novos momentos formativos.

**Voos promissores: muitas paisagens a desbravar**

A primeira partícipe destacou que ao participar da pesquisa de mestrado desenvolvida pela mestranda e participante do grupo Formar, Josiane Sousa Costa de Oliveira, no ano de 2016, foi que compreendeu na prática o significado da palavra colaboração. Palavra essa que tanto é utilizada nos encontros do Formar e também é motivo de perguntas nos momentos das defesas de mestrados e doutorados da Ufpi.

Como já dissemos anteriormente, para a pesquisa colaborativa é imprescindível a compreensão do termo colaboração, uma vez que há na literatura uma comparação entre o referido termo e cooperação.

O primeiro diz respeito à interação entre as pessoas, mas há aquela que por ser mais experiente com uma dada realidade ou fenômeno será o par que proporcionará maior experiência. Essa relação elevará o nível de desenvolvimento dos envolvidos e, ao mesmo tempo, dele mesmo. Pois, na pesquisa colaborativa, o pesquisador tem dupla função que é atuar como pesquisador e colaborador ao mesmo tempo, ou seja, partícipe. (IBIAPINA, 2008).

Já a cooperação diz respeito à interação entre pessoas com o objetivo de executar uma tarefa, pois uma única pessoa não é capaz de realizá-la sozinha, por não compreender os meios para a realização da mesma em sua complexidade; o foco passa a ser apenas a realização da tarefa. Na cooperação, não há uma exigência por um pensar crítico e reflexivo, ao contrário do que é na colaboração, que exige esse tipo de pensamento sobre a prática e como as ações dos partícipes podem contribuir para o desenvolvimento do grupo. (IBIAPINA, 2008).

Assim, através de encontros colaborativos, pesquisadores e professores partícipes atuam em colaboração. Refletem sobre o tema em estudo expondo suas compreensões seja concordando ou discordando dos enunciados dos outros partícipes. Também negociam sentidos e significados, fazendo relação entre teoria e prática; e, posteriormente, terão condição de realizar esse movimento sozinho ou com outros em outras variadas situações sendo o par mais experiente. (OLIVEIRA, 2017).

Nesse contexto, então, o que hoje foi necessário para o nosso vir a ser, amanhã não será mais necessário, pois temos as condições de vir a fazer só. Desse modo compreendemos o que é colaborar e o que é pesquisar colaborativamente.

Nessa perspectiva, para se pesquisar colaborativamente é necessário que todos os participantes do grupo tenham *vez* e *voz*. Duas palavras que fazem parte dos enunciados dos membros do grupo Formar e dizem muito sobre a intencionalidade do mesmo. Compreendemos que esses monossílabos estabelecem uma relação dialógica. Não podemos ter voz (falar, discursar) se não temos vez e não podemos ter vez se não temos nada a dizer, a enunciar. Esse movimento fez-nos compreender que não há vez sem voz e nem voz sem vez.

Nos encontros colaborativos vivenciados, na pesquisa supracitada de Josiane Sousa Costa de Oliveira, todos os envolvidos tiveram voz, vez e em um processo colaborativo foram provocados a refletir sobre o objeto em questão, que era investigar a relação dos significados e sentidos de docência com as necessidades formativas produzidas pelos professores do IFMA.

O movimento de reflexão desenvolvido pelo grupo deu-se através de um processo colaborativo que nos fez ampliar o conhecimento e compreender a realidade em questão. O diálogo empreendido com os outros provocou uma apreensão da realidade, gerando a condição de transformá-la.

Outro conceito a ser destacado, bastante presente nos encontros colaborativos é a categoria *historicidade.* Passamos a compreendê-la tendo como referência a relação de nós, sujeitos, com o mundo. E nesse processo de interação com o meio natural e com os outros semelhantes que vivem nele, constitui-se como um percurso chamado de historicidade.

Ainda nesse sentido, somos movidos por relações entre o mundo e o social. Essas relações não são dissociadas umas das outras. Elas impõem um movimento que promove um desenvolvimento e uma transformação jamais acabada.

Os encontros colaborativos desta pesquisa supracitada nos deram a condição de refletir sobre o fenômeno em estudo, fomentar a nossa formação profissional e atender às necessidades do pesquisador com relação ao avanço do conhecimento na área pesquisada.

Segundo Pierote (2017), os relatos das histórias de vida, os afetos e vivências uns dos outros, conseguem afetar-se mutuamente. Compreendemos que estes aspectos estão imbricados mantendo uma relação que nos afetam. Desse modo, dão-nos a condição de refletir sobre os problemas ou fenômenos que surgem na nossa prática e de transformação dessa realidade e de nós mesmos.

A oportunidade de participar da pesquisa de mestrado da pesquisadora Josiane deu-nos a condição de dizer que não somos mais as mesmas. Em um processo colaborativo pautado por várias vozes, vamos superando as nossas limitações e nos constituindo em outros “eu”, mais desenvolvidos e que poderão ser capazes de transformar a realidade em que vivem.

Diante do exposto, inferimos de uma formação docente, em contextos colaborativos, a partir do olhar do Materialismo Histórico Dialético que os participantes só têm a ganhar em desenvolvimento e atividade crítico-reflexiva. Tornamo-nos, assim, outros sujeitos, no entanto, ainda carregamos o que fomos, junto nesse processo, como preconiza a lei de negação da negação.

Afanasiev (1968, p.141) afirma que a lei da negação da negação “[...] não caracteriza o desenvolvimento como um movimento retilíneo, mas como um processo extraordinariamente complexo, com um processo em forma de espiral, no qual se repetem, de certo modo, as etapas percorridas e retrocede, em certo sentido, ao passado”.

Comungando com esta ideia, vivenciar momentos no Formar nos levam a este movimento, pois é nas relações pessoais com pessoas de diversas formações ou até mesmo de formações iguais, que utilizamos um diálogo de liberdade e colaborativo junto às falas de cada um dos integrantes, assim nos revestimos de conhecimentos novos em movimentos de experiências novas, com a junção do velho com o novo, reelaborando novos saberes e concepções.

Afanasiev (1968, p.180) assim destaca que “Do ponto de vista materialista dialético, o conhecimento é um processo infinito de aproximação do pensamento ao objeto que se quer conhecer, do saber incompleto e imperfeito ao saber mais completo e perfeito. Ao substituir as teorias antiquadas por outras novas e determinar as velhas, o conhecimento avança, descobrindo mais e mais aspectos da realidade, material.”

Ainda sobre o conhecimento, Afanasiev (1968, p.178) afirma que “o conhecimento é a reflexão ativa, orientado para um fim, do mundo objetivo e suas leis, no cérebro humano.”. A partir desse olhar, sabe-se que no Formar existe essa busca do conhecimento deixando de ser mero expectador para ser um colaborador na construção deste conhecimento reflexivo ativo.

Nesse sentido, estar no Formar remete-nos a uma transformação coletiva e individual a qual, na troca de saberes e conhecimentos, encontra-se em formato de espiral e nos eleva a um nível de consciência maior, perceptível a todos, tanto num nível individual quanto coletivo.

Destarte, Afanasiev (1968, p.86) defende que “o homem, capaz de refletir conscientemente a realidade, possui uma forma de reflexo superior, qualitativamente nova, não se adapta simplesmente ao meio-ambiente; influi sobre ele, transformando-o graças aos conhecimentos adquiridos.”

Assim, Bandeira (2017, p.31) ressalta:

Quando pensamos em uma expressão que sintetize nossas vivências com o Grupo, logo nos vem a pergunta: necessidade de quê? Outras questões são provocadas. Cada partícipe do FORMAR vivencia história particular e manifesta desejos e expectativas e, por via colaborativa e reflexiva, suscita contradições que se desvelam em dificuldades, preocupações, entre outros e, assim, são provocadoras de nosso desenvolvimento.

Partindo deste pressuposto, compara-se este momento como o momento de decolagem dos pássaros que ao levantar vôos, em meio à necessidade, estes contam com a ajuda das asas, do seu sistema respiratório, entre outros colaboradores do processo, os quais possibilitam um maior desempenho sobre o vôo e uma maior leveza ao decolar, proporcionando a este pássaro conseguir sentir a brisa em horizontes longínquos.

Ainda nesse sentido, Bandeira (2017, p. 31) esclarece sobre as necessidades que surgem:

[...] são manifestadas por uma grande quantidade de desvios, e, nessas condições, somos exigidos a não apenas projetar nossas ações como também a viver nossa própria vida como um projeto perpassado por intensas relações de afetividade orientadas pela linguagem e dirigidas por uma intencionalidade. Por conseguinte, vivenciar é engajar-se na realidade que nos afeta e nos provoca desejos, emoções, sentimentos e necessidades.

As relações que aqui destacamos são, portanto, acima de tudo, de afetividade, que redimensionadas pelo olhar da intencionalidade do materialismo histórico dialético tomam novo formato de atividade, crítica e reflexiva, que transforma a consciência elevando-a, saindo de um simples ato de ação formativa para estudo formativo.

Sendo assim, pensar e agir com o Formar é adquirir consciência nova e inquietar-se o tempo inteiro, estudando, buscando novas necessidades e conhecimentos científicos, que nos elevem constantemente o grau de consciência de si mesmo, do outro e do seu entorno, assim como destaca, Burlatski (1987, p. 68), quando afirma que há uma influência da sociedade na formação da consciência de cada indivíduo, principalmente, no contato com outros sujeitos e com a manipulação de objetos advindos do trabalho humano.

Em suma, estamos em sociedade interagindo com outros, buscando caminhos formativos, que podem ser significativos ou não, em termos de elevação da consciência individual e coletiva, dependendo da intencionalidade e da ação envolvida. Pois, como aprendemos que nem toda ação é uma atividade significante, buscamos no Formar transformar nossas ações e pensamentos em algo que seja pura atividade, conhecimento e consciência, mesmo que nossos momentos venham com tempestades.

Bandeira (2017, p. 29) enfatiza esse caminho quando explica que

O engajamento no Formar nos fez compreender a importância de cuidar dos fundamentos da nossa atividade, pois uma árvore com raízes fortes tem condição para resistir a uma forte tempestade, mas nenhuma árvore começa a desenvolver suas raízes durante o fenômeno da tempestade.

Finalmente, com este pensamento supracitado, concluímos esta tentativa de explicitar a satisfação com o aprendizado formativo que adquirimos no Grupo Formar, ressaltando que não só com asas, mas com raízes também, fincamos conhecimentos e espargimos a outros os conhecimentos e consciência adquiridos, sempre em meio a campo profícuo de possibilidades na formação docente.

**Referências**

AFANASIEV, V. **Fundamentos da Filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

ALBUQUERQUE, M.O. de A.; IBIAPINA, I.M de M. Revoada Colaborativa: o ritmo e a velocidade do voo dependem do outro. In: IBIAPINA, I.M.L de M.; BANDEIRA, H.M.M.; ARAÚJO, F.A.M. **Pesquisa Colaborativa**: multirreferenciais e práticas convergentes. Teresina: EDUFPI, 2016.

BANDEIRA, H.M.M. Cai o pano, vem o Formar: necessidades e vivências. In: IBIAPINA, I.M.L de M.; BANDEIRA, H.M.M. **Formação de Professores na Perspectiva Histórico-Cultural**: vivências no Formar. Teresina: EDUFPI, 2017. p.21-33

BURLATSKI, F. **Fundamentos da Filosofia Marxista-Leninista**. Moscovo: Edições Progresso, 1987.

FERREIRA, M.S. Pra não dizer que não falei de método. In: IBIAPINA, I.M.L de M.; BANDEIRA, H.M.M. **Formação de Professores na Perspectiva Histórico-Cultural**: vivências no Formar. Teresina: EDUFPI, 2017. p.57-78

\_\_\_\_. A abordagem colaborativa: uma articulação entre pesquisa e formação. In: SAMPAIO, M.N; SILVA, R de F. (Orgs.) **Saberes e práticas de docência**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014. p.359-396

IBIAPINA, I.M de M. **Pesquisa Colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber Livros, 2008.

LEONTIEV, A. N. **Atividade e Consciência**. Texto em Inglês no MIA. Tradução de Marcelo José de Souza e Silva. Disponível em: https://www.marxists.org/. Acesso em 22.out.2017

LESSA, S. **Introdução à filosofia de Marx**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

MARX, K; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

OLIVEIRA, J.S.C. de. **Travessia Colaborativa**: os significados e sentidos de docência e sua relação com as necessidades formativas dos professores do IFMA – Campus Caxias. Teresina: EDUFPI, 2017.

PIEROTE, E.M.V de F. Formar, colaboração e abelhas: como o ensinar e o aprender acontecem na prática. In: IBIAPINA, I.M.L de M.; BANDEIRA, H.M.M. **Formação de Professores na Perspectiva Histórico-Cultural**: vivências no Formar. Teresina: EDUFPI, 2017. p.57-78